

Paulo Raposo
Allende Renck
Scott Head
Organização

Cidades Rebeldes:

invisibilidades, silenciamentos,
resistências e potências

 editora **ufsc**
2019

© 2019 Editora da UFSC

Direção editorial:

Flavia Vicenzi

Capa e editoração:

pamalero artes

Imagem da capa:

Micol Brazzabeni

Revisão:

Vilca Marlene Merízio

Ficha Catalográfica

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

C??

Cidades rebeldes : invisibilidades, silenciamentos, resistências e potências / Paulo Raposo, Allende Renck, Scott Head, organização. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

220 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-328-08??-?

1. Urbanismo – Solo. 2. Invasão – Aspectos sociais. 3. Meio ambiente – Política. I. Raposo, Paulo.

CDU: 577.4

Ficha catalográfica elaborada por Jonathas Troglío – CRB 14/1093

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida por qualquer meio ou forma sem prévia permissão por escrito da Editora da UFSC.

Impresso no Brasil

In(ter)venção urbana: quando o corpo é método e não obstáculo

Rodrigo Gonçalves dos Santos

[Prólogo] cartografia etimológica e dicionário marginal: des(cons)truindo certezas, gerando indagações

Compartilho da noção de corpo que Merleau-Ponty aponta em *Fenomenologia da Percepção*. A noção de corpo pode ser clarificada pela ideia de um corpo fenomênico. Trata-se de nosso próprio corpo tal como o experimentamos, de dentro, um corpo que se ergue em direção ao mundo. É o corpo considerado como particularmente nosso, ou seja, quando importa saber sobre o corpo de quem estamos falando. Assim, não posso encarar meu próprio corpo de maneira distanciada e puramente objetiva e na terceira pessoa, como se fosse apenas um exemplo de corpo humano. É meu corpo, aquele por meio do qual meus pensamentos e sentimentos entram em contato com os objetos. É assim que o mundo existe para mim: corpo em primeira pessoa, sujeito da experiência. Não faço contato com o mundo apenas pensando sobre ele. Eu experimento o mundo com os sentidos, agindo sobre ele por meio da mais sofisticada tecnologia até os movimentos mais primitivos, tendo sobre eles sentimentos que me dão uma gama de complexidade e sutileza. O corpo é um sensível entre os sensíveis, é aquele no qual se faz uma inscrição de todos os outros, é uma coisa entre as coisas, um sensível que é dimensional por si próprio.

Minha opção metodológica vai em direção a um “como fazer acontecer” meu trabalho, algo que compartilho de Francesco Careri (2013, 2017) e Paola Jacques (2012). Trago aqui uma contribuição que deveria ser replicada em colóquios de pesquisa: método deriva do grego *methòdos*, onde *metà* remete à noção de depois, através; e *hòdos* significa via, caminho. Assim, ao se falar de método, fala-se de um caminhar, pois

está em questão aquilo que se vai construindo ao longo do caminho, ao se caminhar, enquanto se está procedendo a caminhada. Seria, então, uma apologia ao gerúndio: fazendo, experimentando, lendo, escrevendo, finalizando, continuando, errando, acertando, montando ...

Caminhar sendo afetado por subjetividades. Que cidade me atravessa na camada mais íntima do meu corpo? Traço e (re)penso (in)evitáveis aburguesamentos dos lugares compartilhados por diferenças. Arquiteto lugares rebatizados. Nome e sobrenome: Lugares Aburguesados Gentrificados. Neles, coexistências são anuladas. Meu láp(i)s(o), num gesto de arquiteto, anula possíveis corpos insinuosos da cidade contemporânea.

Mais de que meios o arquiteto dispõe para apreender e cartografar essas produções de subjetividades que seriam inerentes ao seu objeto e à sua atividade? Poder-se-ia falar aqui de uma transferência arquitetural que, evidentemente, não se manifestaria através de um conhecimento objetivo de caráter científico, mas por intermédio de afetos estéticos complexos. (GUATTARI, 1992, p. 161).

Para buscar uma noção do que vem a ser in(ter)venção urbana, prefiro mergulhar nos meandros da palavra em si. A palavra, essa nossa aliada de escrita, por vezes, vem carregada de potência e nem nos damos conta. Assim, numa (re)in(ter)venção de escrita, crio um dispositivo ao qual chamo de *Cartografia Etimológica e Dicionário Marginal*. Dou vazão à tentativa de, a partir da **palavra**, buscar a sua **vivência** e, posteriormente, elaborar o **conceito**. Situo esse movimento nas margens, tendo-as como um lugar de construção de conhecimento. A razão de utilizar esse dispositivo vem de não esvaziar a ação em si, atribuindo um conceito antes da vivência. A palavra está contagiada de significados outros, mas a própria palavra pode ser des(cons)truída a partir dela própria. Uma ação, se pensada primeiramente como palavra, também pode sofrer desse lapso temporal. Pensar a ação a partir do corpo evidenciando a vivência faz com que nomes não sejam dados sem que a experiência corpórea, uma corporeidade, seja, efetivamente, instaurada. Percebo que justamente aí reside uma lacuna em nossos lugares urbanos. A corporeidade urbana foi negligenciada em prol de nomes substitutivos às vivências em si. Conceitua-se antes de se vivenciar a relação arquitetura-corpo-cidade, rompendo-se o vínculo essencial do corpo enquanto esfera relacional da cidade contemporânea.

Lanço, então, o convite para dar um passo em direção a uma *cartografia etimológica* e à instalação de um *dicionário marginal* para clarificar uma possível corpografia¹ da corporeidade urbana.

Cartografia etimológica #1: IN

IN é um prefixo? Significa algo que retorna para dentro? Quando meus lábios articulam essas duas letras algo ecoa INternamente. Percebo que IN retoma questões do ser em si. O movimento de IN é olhar para si, entender algo que está ali pronto para sair, esperando oportunidades. Pura potência, latência. Como catalisar aquilo que é IN? Como trazer à tona a qualidade INterna de meu gesto?

Venho com Jacques Derrida (2009, p. 428-434) e transcrevo pensamentos seus para entender o quanto o IN está imbricado na sílaba que remonta um olhar para si.

A questão da escritura só se podia iniciar com o livro fechado [...] A repetição não reedita o livro, descreve a sua origem desde uma escritura que já não lhe pertence, que finge, repetindo-o, deixar-se compreender nele. Longe de se deixar oprimir ou envolver no volume, esta repetição é a primeira escritura. Escritura de origem, escritura descrevendo a origem, assinalando os sinais do seu desaparecimento, escritura apaixonada pela origem: 'Escrever é ter a paixão da origem.' [...] A escritura, paixão da origem, deve entender-se também pela via do genitivo subjetivo. É a própria origem que é apaixonada, passiva e suscetível de ser escrita. O que quer dizer inscrita. A inscrição da origem é sem dúvida o seu ser-escrito, mas é também o seu ser-inscrito num sistema do qual não passa de um lugar e de uma função. [...] então o tempo da escritura já não segue a linha dos presentes modificados. O futuro não é um presente futuro, ontem não é um presente passado.

Estar INscrito remete à origem. IN seria, assim, origem antes de qualquer articulação estética e política? Penso, agora, na estética da

¹ A partir dos estudos de Paola Berenstein Jacques e Fabiana Dultra Britto, as corpografias urbanas são cartografias da vida urbana inscritas no corpo do habitante revelando ou denunciando aquilo que o projeto urbano excluiu. Por corpografia urbana, entende-se, ainda, o processo de inscrição da experiência urbana em diversas escalas de temporalidade tanto no corpo daquele que experiencia a cidade quanto num desenho outro (por vezes invisível) da própria cidade.

existência, e o IN estaria situada nessa esfera. Esfera essa a qual arrisco-me a situá-la, de acordo com Suely Rolnik e Félix Guattari (2011), numa ordem molecular, dos fluxos, dos devires, das transições de fases, das intensidades. Acredito que IN não aciona uma ordem molar, não estratifica tampouco delimita objeto, sujeitos, representações.

A construção de um conceito não é tarefa fácil. A própria ideia de conceito pode ser considerada movediça. Deleuze & Guattari (1992, p. 27) colocam que

Não há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem portanto uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. [...] Todo conceito tem um contorno irregular, definido pela cifra de seus componentes. [...] é questão de articulação, corte e superposição.

Cifra e articulação me interessam. A irregularidade também. Cifra remete-me à música, movimento. E num IN-pulso movimento-me para URBANA.

Cartografia etimológica #2: URBANA

URBANA não é prefixo. É fixo. É disciplina. Escrevo no feminino por opção epistemológica. É adjetivo também. Cidade URBANA. Não é redundância, é adjetivação da cidade. Podemos pensar em cidade que não é urbana. Cidade pacata, cidade segura, cidade pacificada, cidade segregada, cidade planejada... Caio novamente nas palavras de Deleuze & Guattari (1992, p. 31) na ânsia de construir um conceito e vejo que

Em primeiro lugar, cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir ou suas conexões presentes. Cada conceito tem componentes que podem ser, por sua vez, tomados como conceitos. [...] Os conceitos vão, pois, ao infinito e, sendo criados, não são jamais criados do nada.

URBANA, assim já situa um lugar de fala que se espacializa claramente. Arquitetas/arquitetos e urbanistas sentem-se muito à vontade nesse lugar. Desenvolvem-se bem com riscos e sem riscos, apenas riscando e por vezes se arriscando. Gestos são facilmente detectados quando olhamos URBANA com olhos IN. IN aqui pode, numa grande manobra arriscada, opor-se à URBANA e criar, aos moldes de Deleuze

& Guattari, o IN-URBANA. Aprecio a ideia de discutir a oposição de URBANA, pois deslocamos discursos. O que é IN-URBANA? Eu sei o que é URBANA para definir seu oposto? É arriscado, pois coloca na mesa de discussão o meu lugar na construção do discurso. Não estranho se percebemos que, enquanto arquitetas e arquitetos, não estamos embrenhando/as na sedução do discurso dominante. Lembro-me de Guy Debord, n'*A sociedade do espetáculo*, colocando-nos que

[...] o urbanismo é a tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como seu próprio cenário.²

URBANA e urbanismo podem estar agenciados. Quase sempre estão. Tanto que as imagens estão aí em todos os canais. A qualidade URBANA vem conectada com uma imagem esteticamente produzida pelo urbanismo enquanto disciplina incutida na lógica dominante. Tudo é desenho, tudo é imagem. A potência de um projeto estético de existência URBANA passa por esse agenciamento. Ainda Guy Debord alerta:

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo [...]³

Que postura tomar perante esse agenciamento? Seria interessante pensar nessa interlocução URBANA. Arquitetura, corpo e cidade se entrelaçam nesse posicionamento. Residiria nesse movimento uma corporeidade das danças possíveis em uma cidade. O corpo como protagonista, como desenhador efetivo da cidade. Cabe, ainda, um alerta dado por Deleuze & Guattari (1992, p. 33):

O conceito é um incorporal, embora se encarne ou se efetue nos corpos. Mas, justamente, não se confunde com o estado de coisas no qual se efetua. Não tem coordenadas espaço-temporais, mas apenas ordenadas intensivas. Não tem energia, mas somente intensidades, é energético [...]. O conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa. É um Acontecimento puro. [...].

² [Fragmento tese 169 d'A Sociedade do espetáculo] (DEBORD, 1997, p. 112).

³ [Fragmento tese 30 d'A Sociedade do espetáculo] (DEBORD, 1997, p. 24).

Logo, destaco uma complexidade corporal na possibilidade da construção do conceito de in(ter)venção urbana. Que corpo é esse que se enuncia? O que tem esse corpo?

Cartografia etimológica #3: TER

TER é verbo. Talvez um dos verbos que afirmam o sujeito. Tenho logo existo? Existo por que tenho? Alicerce do sistema, TER põe em xeque o ser. Concentro-me no TER e percebo que TER IN-screve um corpo. Aquilo que alcanço eu tenho? Conjuguar TER talvez seja indigesto, pois nem todos conseguem participar de um TER. Logo, para conjuguar o verbo (TER), coloco-o entre parênteses.

*Eu (ten)ho | Tu (ten)s | Ela/Ele (tem) | Nós (tem)os |
Vós (ten)des | Elas/Eles (têm)*

Dicionário marginal #1: IN-TER-VENÇÃO

(latim imperial interventio, -onis) substantivo feminino

1. Ato de intervir. 2. Ação conciliadora de terceiro.
3. Intermédio. 4. Operação cirúrgica.

Deparo-me com contágios. As margens indefinem-se, mas ainda tento traçar alguma relação. No entanto, algo me parece muito claro. É um alerta lastimando um estado de exceção. (R)existência necessária:

A Federação de Favelas do Rio é uma instituição sem fins lucrativos, fundada em 1963 para lutar contra as remoções do governo Lacerda e a implantação da ditadura militar no Brasil em 1964. Dessa forma, alertamos que essa nova intervenção militar não começou ontem, anteriormente tivemos as UPP's (unidades de policia pacificadora), as operações respaldadas sob a GLO (Garantia da lei e da ordem) e PLC 464/2016, que passa para a justiça militar a responsabilidade de julgar as violações cometidas pelos integrantes das forças armadas em suas intervenções.

Essas mesmas forças intervencionistas estiveram recentemente em missões de paz no Haiti na favela da Maré onde podemos observar que grande parte das ações foram marcadas por violação de direitos humanos.

Nesse processo, vale salientar que os investimentos em militarização superam os investimentos em políticas sociais. *A ocupação da Maré custou 1,7 milhões de reais por dia, perdurando por 14 meses* e envolvendo 2500 militares, tanques de guerra, helicópteros, viaturas, sem apresentar resultados efetivos tanto para as comunidades quanto para o país. Em contrapartida, nos últimos 6 anos, só foram investidos apenas 300 milhões de reais em políticas públicas, voltadas para o desenvolvimento social.

Apesar de todo esse aporte financeiro investido na intervenção militar na Maré, podemos observar que essa ação foi totalmente ineficaz, pois lá as facções criminosas ainda lutam pelo controle da região, oprimindo os trabalhadores e trabalhadoras que lá vivem.

O que a favela precisa na verdade é de uma intervenção social, que, inclusive, contaria com a participação das forças armadas. Precisamos de escolas e creches, hospitais, projetos de geração de emprego e renda e políticas sociais voltadas principalmente para a juventude. Precisamos de uma intervenção que nos traga a vida e não a morte. O exército é uma tropa treinada para matar e atuar em tempos de guerra. As favelas nunca declararam guerra a ninguém.

A favela nunca foi e nem jamais será uma área hostil. Somos compostos de homens e mulheres trabalhadoras que, com muita garra e dignidade, lutam pelo pão de cada dia. Somos a força de trabalho que move a cidade e o país. A ocupação de uma parcela das comunidades por marginais ocorre justamente pela ausência do estado em políticas públicas que possam garantir o desenvolvimento de nossas favelas.

Nos últimos 54 anos, a FAFERJ vem lutando por democracia nas favelas do Rio. Lá a ditadura ainda não acabou. Ainda vemos a polícia invadindo residências sem mandados, pessoas sendo presas arbitrariamente ou até mesmo casos de desaparecimento, como o caso Amarildo que repercutiu mundialmente.

Para finalizar, gostaríamos de reafirmar que as intervenções militares são caras, longas e ineficazes até mesmo do ponto de vista da segurança pública. Sugerimos que essas tropas sejam movimentadas para patrulharem as fronteiras do Brasil, pois é de conhecimento notório que é de lá que chegam as armas e as drogas que alimentam o comércio varejista de entorpecentes nas comunidades cariocas. Sugerimos também que se faça uma grande intervenção social nas favelas do Rio de Janeiro.

Precisamos apenas de uma oportunidade para provar que somos a solução que o Brasil tanto precisa para se desenvolver e tornar-se um país mais justo para todos e todas.

Favela é potência! Favela é resistência!⁴

Ocorreu-me uma história. Para contá-la, decidi omitir nomes e atribuir aos fatos um pouco de ironia. Logo, as próximas linhas contêm “ironia” e “coincidências” com fatos reais:

Em um belo fim de semana, num belo bairro à beira de uma lagoa mística da Ilha da Magia, um grupo de marginais decidiu experimentar a possibilidade de construir dissensos no espaço urbano, simplesmente com o objetivo de estudar questões acerca da contaminação dos campos expandidos da arte e da arquitetura, situando-as na experiência de apreensão da cidade contemporânea e traçando possibilidades interdisciplinares de interlocução. A partir de uma dinâmica laboratorial e performativa com base em estudos críticos de textos tutores, um estudo foi gerado e estruturou uma performatividade investigativa, a qual constituía uma experimentação de caráter performativo de uma ação corpórea implicada numa articulação interdisciplinar fomentadora de uma intervenção urbana.

O grupo de marginais decidiu, assim, realizar uma ação/intervenção artística, objetivando uma conversa sobre a mobilidade urbana da Ilha da Magia. Na intervenção, foi proposta uma ação efêmera com marcas de cal junto ao asfalto. A cal é um material suscetível à água e não possui duração longa à ação do tempo e tampouco causa uma marca permanente na ocasião de sua aplicação como pintura. Logo, a materialidade da intervenção foi de caráter efêmero. Nas discussões que antecederiam às intervenções, o grupo de marginais sempre pontuava o caráter de livre manifestação e abertura de diálogos e debates a partir das ações performativas decorrentes das intervenções. A inteligência do grupo de marginais residia aí: abrir espaço ao debate acadêmico, político e social no âmbito das práticas urbanas, tendo como disparador uma ação artística junto ao espaço urbano. Eram marginais, mas seu movimento não poderia ser criminalizado, pois é percebido que dano físico algum foi gerado a quem quer que estivesse envolvido pela ação

⁴ *Nota de esclarecimento a população sobre a intervenção militar em nosso Estado*, publicada em fevereiro de 2018 pela Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro, após a intervenção militar decretada pelo governo golpista de Michel Temer.

artística. Eram marginais, e sua ação artística, fomentando debates, possuía potência de articulação social e não prejudicaria fisicamente e/ou materialmente nenhum patrimônio arquitetônico, urbano ou cultural. Os marginais sabiam que debater por meio de práticas artísticas efêmeras, performances ou reunião de pessoas, constitui uma esfera relacional nas práticas contemporâneas de arte e educação e não possui um caráter de ameaça ou constitui crime. Os marginais sabiam que se tratava de uma forma de manifestação livre a qual deveria ser respeitada e considerada parte da atuação social de grupos que querem compartilhar seus estudos com os demais atores socioculturais da cidade.

Mas, espantosamente, a ação do grupo de marginais foi criminalizada. Em poucos instantes, instalou-se uma plenária de curadores-policiais, avaliando a ação artística, emitindo suas análises balizadas em extraordinários dispositivos de controle do espaço urbano. Era surpreendente a complexidade dos argumentos, os quais dificilmente poderiam ser contra argumentados, uma vez que possuíam uma densidade epistemológica avessa a margens e marginais.

Uma sugestão para um possível desfecho desse embate artístico curatorial? Recomendo um cuidado maior ao olhar a referida ação de arte contemporânea realizada no belo bairro à beira de uma lagoa mística da Ilha da Magia pelo grupo de marginais, encarando-a como uma livre manifestação artística e cultural para debater a cidade contemporânea e não como um ato criminoso ao meio ambiente e/ou urbano. A arte e seus desdobramentos devem ser respeitados e entendidos para um debate maior sobre temas que afligem nossa cidade.

Dicionário marginal #2: IN(TER)VENÇÃO URBANA

(*latim imperial interventio, -onis*) **substantivo feminino**

1. Ato ~~de intervir~~. 2. Ação conciliadora ~~de terceiro~~.
3. ~~Intermédio~~. 4. ~~Operação cirúrgica~~.

[+]

- (*latim urbanus, -a, -um*) **adjetivo** 1. Relativo à cidade.
2. [Figurado] Afável; ~~cortês~~; ~~civilizado~~. 3. ~~Diz-se dos prédios para habitação, em oposição a rústicos ou para cultivar~~.
substantivo masculino 4. [Brasil, Informal] ~~Agente policial~~.

Aprender a cuidar. Cuidar para lembrar. Lembrar para cuidar.
Reunir o passado coletivo ao presente individual e construir a experiência

da cidade como experiência coletiva. Configuração (URBANA?) de festa, situação que excede a regulação social, a cidade se torna lugar preñado de interação e de troca. As ocupações invertem o desenho. Não podem durar para sempre, pois nelas o **coletivo** e o **comum** são **provisórios**. Vislumbro, assim, a ideia de in(ter)venção contagiada pela noção de ocupação. Em todas, temos corpo, corporeidade, corpo lendo corpo. A cidade lida pelo corpo surge como potência. Um dia de festa, ou dia de ocupação, ou dia de in(ter)venção, configura-se um **dia de lembrar**, dia em que as correspondências se estabelecem, atravessando o corpo.

Nesse movimento, vejo possibilidades de relações novas, a partir da articulação teórica que Rita Velloso (2017) faz com Walter Benjamin:

- Atitude experimental embutida nos esboços de ordem provisória de uma ocupação, de uma in(ter)venção.
- Indeterminação dos espaços autogeridos ou autoplanejados.
- Não mais se trata de desenhar os lugares: trata-se de radicalizar a experiência e fazer reemergir a atividade humana em sua fluidez e incompletude.

Rita Velloso (2017, p. 62-63) traz uma noção de protagonismo muito caro à noção de in(ter)venção urbana. Quem é protagonista na in(ter)venção? Associa também a questão temporal da ação, da apropriação do espaço a partir da in(ter)venção.

Cada intervenção, individual ou coletiva, é um momento que talvez jamais integre uma série, mas é acontecimento em que se desvela uma possibilidade [...]. No relâmpago de uma imagem, ilumina-se uma alternativa. Basta um vislumbre e o habitante urbano compreende o segundo de sua ação, ainda que minúscula e cotidiana. Será suficiente a interrupção momentânea na ordem de um sistema estabelecido. [...] a apropriação, se crítica, ecoa numa ação vivida pelo avesso. O avesso é a não duração, a indeterminação do uso do espaço, a provisoriedade do agrupamento coletivo e comum. [...] é forma de resistência à violência do espetáculo. [...] poderá superar a passividade imposta como condição e resultado pelo urbano-espetacular.

A arquitetura e a cidade não estão dadas. A experiência urbana e arquitetônica trata-se, em essência, da experiência de uma insurreição, de corpos trafegando pelos lugares e experimentando espaços desviados de suas funções primeiras. O corpo, assim, extrapola uma atribuição programática de um lugar e traz à tona uma experiência da arquitetura

urbana. É uma ação que se desenrola no cotidiano graças à recepção tátil dos espaços, uma experiência da apropriação que educa corpos e mostra-nos a compreensão dos vários tempos passados num lugar e que penetram na dinâmica da cidade. Podemos aprofundar a noção de experiência urbana, adentrando na possibilidade de interrogar práticas urbanas e arquitetônicas, lançando olhares sobre os arranjos que são sucessivamente desfeitos, fazendo outros afetos circularem na cidade contemporânea. Presenciamos essa nova circulação, atualmente em nosso país, nos movimentos de decomposição de modelos políticos os quais promovem o derrubamento de certas condições políticas. São sinais de novos fluxos e intensidades num plano coletivo, tanto midiático quanto social.

Surge o risco que gera uma potência à nova agenda do/a arquiteto/a urbanista: as in(ter)venções urbanas. Notamos uma organização flexível, interiorizando exigências de mercado, normalizando (e normatizando) corpos pelo dispositivo do rendimento, base de uma subjetividade neoliberal. Aparece aqui um sujeito neoliberal (ou neossujeito), alguém competitivo, submetido às regras do máximo proveito nas relações humanas. Dessa maneira, o tempo cotidiano torna-se menos programável, fazendo com que projetos a longo prazo se tornem cada vez mais difíceis. É a ruína de uma noção de projeto a qual conhecemos dos bancos da formação tradicional em arquitetura e urbanismo. A efemeridade surge como rompante de contestação e sobrevivência de corpos que teimam fugir aos dispositivos de controle neoliberais de pasteurização da cidade contemporânea.

A arte, como prática crítica, liberando corpos dissidentes, traz em seus propósitos estéticos um desafio aos códigos de representação dominantes, introduzindo novas falas e possibilidades de apropriação e usufruto de espaços, sobretudo os urbanos e arquitetônicos. Aqui, surge como marco teórico a potência do dissenso, uma vez que esse diz respeito aos embates sociais pela inclusão de grupos que têm sido silenciados ou excluídos do exercício da cidadania e da participação na instituição de lugares públicos e da esfera pública.

A noção de in(ter)venções urbanas pode contribuir numa atualização na contaminação dos campos ampliados da arte e da arquitetura. Uma contaminação mais que urgente em tempos nos quais insurgências ampliam perspectivas da relevância social da arquitetura, do urbanismo e da arte. In(ter)venções aparecem como leituras de tempo/espaço, clareiras, apontando bases de estudo e aproximação de atores. In(ter)venções criam arenas nas quais o dissenso rearticula relações

subjetivas na cidade contemporânea. Residiria, assim, possibilidades de coexistências? In(ter)venções colocam em suspensão o *ter* numa proposta de *inventar* o urbano nas nossas práticas sociais contemporâneas.

À guisa de conclusão: invenção urbana

[...] sendo partícipe na produção simbólica do espaço urbano, a arte urbana – compreendida no plano das relações sociais, e não reduzida a uma dimensão estetizada – repercute as contradições, conflitos e relações de poder que constituem esse espaço. Nesse registro específico de sua tematização, associa-se direta e internamente à natureza constituinte do espaço público, a questões de identidade social e urbana, de gênero, e a expressão culturais que possam ou não nele vir a ocorrer, enfim, às condições de cidadania e democracia. (PALLAMIN, 2015, p. 144)

A ilusão conciliatória de tudo com tudo associa-se à montagem de um consenso que, **de fato**, não contempla a diversidade nos planos político, econômico e social. Logo, a arte urbana como uma prática crítica traz em seus propósitos estéticos um desafio aos códigos de representação dominantes, com a introdução de novas falas e redefinição de valores como abertura de outras possibilidades de apropriação e usufruto dos espaços urbanos. Percebo, assim, que as reivindicações de vários grupos vêm a público, abrindo espaços de ação, uma vez que as práticas sociais contemporâneas promovem a ampliação dos modos de presença cultural e política no espaço público. Isso configura uma multiplicidade de arenas de ação cujos horizontes de valores nem sempre são mutuamente compatíveis. A diversificação de hábitos, originando novas competências discursivas, transforma o espaço público em arena de controvérsia política, onde o DISSENSO é integrante e não obstáculo.

Referências

- CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra; DRUMMOND, Washington (Org.). *Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2015. 4 v.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PALLAMIN, Vera. *Arte, cultura e cidade: aspectos estéticos-políticos contemporâneos*. São Paulo: Annablume, 2015.

VELLOSO, Rita. *O tempo do agora da insurgência: memória de gestos e política do espaço*, Segundo Walter Benjamin. In BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. *Corpocidade: gestos urbanos*. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 43-69.